

O TRANSGRESSOR

Hei-de dar ao Deus-Menino
Uma fita para o chapéu
Também ele me há-de dar
Um lugarzinho no céu

A quadra era festiva, música e cânticos natalícios, muita luz nas ruas, um grande pinheiro na praça, as montras eram uma provocação a que poucos resistiam.

E lá ia ele rua fora, quando avistou o polícia, disse para consigo :

– Está mesmo a calhar, até tem um poste da luz á beira, vou fazer o possível para ver se consigo.

E foi-se aproximando, quando chegou junto do poste – ali a meia dúzia de passos do guarda – encostou-se a ele e começou a desapertar as calças para urinar, deu uma tossidela, sem tosse, para chamar a atenção e começou a verter o líquido poste abaixo.

O guarda apercebeu-se do que se estava a passar e logo chamou á atenção o transgressor.

– Então, então! É assim que se porta na via pública? Não tem respeito por quem passa, nem mesmo por mim?

– Ó Sr. Guarda tem razão, eu estou a cometer uma infracção, é ultraje ao pudor. Tem que me prender!

– Ora ora, prender! Não vamos a esse ponto mas tem de ter mais cuidado. – diz o guarda nas calmas.

– Ó Sr. Guarda – replicou o transgressor – mas uma transgressão é uma transgressão e o Sr. Guarda tem de cumprir com o seu dever.

– Ora bem, vamos lá a ver, – diz o polícia muito calmo – como é que o Sr. Se chama?

E o transgressor ia dizendo para consigo; “Estou lixado, este polícia é um molengão até me trata por senhor, estou com azar”.

– Sou José Maria, Sr. Guarda, mas não tenho bilhete de identidade.

– Não tem mas devia ter – atalhou o guarda.

– Está a ver, outra transgressão – disse o Zé Maria – agora sempre tem de me prender, lei é lei!

E botando a mão ao braço do guarda dizia – Oupa vamos lá! – como se estivessem em campos inversos.

– Ó Sr. José Maria vamos lá ter calma, vamos conversar.

– Ó Sr. Guarda! Zé Maria, Zé Maria é assim que eu sou – emendou o Zé Maria.

E o guarda continuou :

– Eu vim para a polícia, não foi para andar a prender pessoas, foi para ganhar a minha vida e para ajudar os outros dentro das minhas possibilidades. Prender mesmo, é só em casos graves ou de desobediência em que eu sou mesmo obrigado a tomar essa medida, mas não é agora o caso do Sr.

E o Zé Maria já perdido, agarrou o braço do polícia com certa violência e puxando-o em direcção da esquadra dizia:

– Faça o favor de me acompanhar, o Sr. está preso! – e ia pensando; “agora sempre vou, não me safo desta”.

– Zé Maria, eu disse vamos conversar, já falei de mim, o Sr. não me disse nada. Vá lá, porque é que quer ir preso? Fale comigo eu sou seu amigo, estou aqui para o ajudar – e o Zé Maria começou a acalmar – acalme-se e desembuche.

E então o Zé Maria começou a desenlear:

– Vivo só, não tenho família nem amigos, passo as noites num aido dum lavrador, lá no meio dum campo, durante o dia, faço alguns recados a quem me pede e aceito alguns restos de comida e roupas usadas que me dão. Hoje é Noite de Natal, eu não queria estar só e na cadeia sempre tinha companhia – e continuou o Zé Maria – a ano passado passei lá a noite, custou-me muito porque eu não faço mal a ninguém, o meu plano deu certo, agora este ano ...

– Bom, bom! – interrompeu o polícia – se é esse o teu problema é fácil de resolver.

– Como Sr. guarda? – perguntou ansioso o pedinte.

– Para já – interveio o polícia – chamas-me Zeca porque eu também sou José como tu, e estás convidado. Vais passar comigo e com a minha família esta Noite de Natal.

Uma hora depois saía de serviço, e foi-se encontrar com o transgressor e juntos o Zé e o Zeca lá foram rua fora ao encontro da Ceia de Natal.

Já na madrugada depois de bem comido e bem bebido dizia o Zé ao Zeca, ao mesmo tempo que lhe dava uma palmada nas costas.

– Mais uma vez o meu plano deu certo!

Meu bom pinheiro de Natal ...